

# O RECREADOR MINEIRO.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 1.º

15. de Fevereiro de 1845.

N. 4.

## O SENTIMENTO RELIGIOSO.



Lemos nas paginas eloquentes de hum grande escriptor ainda vivo, a seguinte pintura dos primeiros tempos do christianismo:— « A-  
« lem abrião os religiosos suas sepulturas ao clarão da lua nos cem-  
« terios das claustrs; aqui tinham por leito hum esquite. Muitos  
« vagueavão errantes por entre as ruinas de Memphis e de Babylonia  
« em companhia de leões, que havião domesticado ao som da harpa  
« de David. Huns condemnávão-se a perpetuo silencio, em quanto ou-  
« tros recitavão em canticos eternos ou os suspiros de Job, ou as peni-  
« tencias do rei propheta. Os proprios mosteiros erao edificados nos si-  
« tios mais agrestes nos altos picos do Libano, no centro das espessas  
« matas das Gallias ou nas arenosas praias dos mares Britannicos. Oh! co-  
« mo não serião tristes os tinidos do campanario, que no remanso d'al-  
« ta noite chamava as vestaes á vigilia e á oração, confundindo-se  
« por entre as abobadas com os ultimos sons dos canticos e com os fra-  
« cos mugidos das longinquas vagas! Quão profundas nao havião de ser  
« as reflexões do solitario, que, por entre as grades da janella, me-  
« ditava ao aspecto do mar, agitado talvez pela tempestade! A hor-  
« rasca no meio das ondas — e o socego no seu retiro! Homens des-  
« pedaçados sobre os escolhos ao pé da asylo da paz! O infinito ao lado  
« de huma cella, hem como a pedra do tumulo entre a eternidade, e  
« a vida! » *Chateaubriand.*

E estas palavras nos repassarão de melancholia e de saudade porque nos trouxerão á lembrança os tempos em que havia verdadeira crença, em que se cogitava na eternidade; e em que era como indifferente o que passava cá na terra.

Mesquinhos, caducos interesses, e hum genero de viver anormal, e extravagante em que só se cura de semear enganos para grangear riquezas — eis a occupação quasi exclusiva dos que vivem hoje.

A existencia está reduzida a hum calculo arithmetico; e tão arida vai ella, que nem se quer a bafeja hum soprosinho de esperanza, nem se quer a refresca a doce viração que consolava os crentes de algum dia.

O homem chegou a materialisar tudo, e ja lá vão esses deliciosos prazeres que as almas puras colhiao nos amenos campos da meditação. Huma rasão sobre modo severa, huma philosophia por extremo a-

rida servem hoje de escarpello para dessecar mirrados cadaveres, que noutras tinham vida e até encantos.

A' força de tentativas fizeram-se algumas conquistas na região da sciencia — arrancarão-se alguns segredos á natureza — descobrirão-se as causas de phenomenos espantosos — sondarão-se algumas das occultas vias por onde a providencia opera as suas maravilhas: — e a vaidade deslumbrou a sabedoria humana.

O homem avassallou a terra, tornou-a sua escrava, devassou os mares: deparou com as leis reguladoras dos corpos celestiaes, e o seu orgulho subiu de ponto.

É ensoberbecido de haver penetrado os mais reconditos arcanos, deslumbrou-se do Soberano Senhor que tudo fez, que tudo ordenou, que tudo prescreveo!

Mas dêmo-nos ao incommodo de vaguear por esses campos, e en-golfados em melancolicos pensamentos, começámos a perguntar ás flo-rinhas e ás aves se ellas são filhas do acaso.

Entranhámo-nos no silencio da noite pela espessura dos bosques, e escutámos o murmurio das arvores agitadas pelo vento.

Subimos ao pincaro das montanhas nas horas em que tudo repousa-va erguemos os olhos para o firmamento e perguntámos ás estrellas que o malisvão, aquem obedecião essas legiões infinitas.

Chegámos ás bordas do mar, e perguntámos ás ondas que vinhão morrer a nossos pés, quem imperava sobre ellas.

Vimos o medonho fuzilar dos relampagos ouvimos o bramido de hor-risonos trovões e ficámos absortos e mudos de espanto.

Sentimos tremer debaixo de nossos pés a terra que julgavamos tao firme como a consciencia do justo — e a pós do violentissimo sacudir de sua massa enorme, os vaidosos palacios do homem tornarão-se hum monte de ruínas, huma pouca de poeira.

E cada vez mais impressionados de terror, mais atonitos e confu-sos perguntámos á natureza quem lhe prescrevera leis quem lhe inti-mára ordens qual era o seu Soberano?

E de toda a parte nos foi respondido: — « O SENHOR, O SE-NHOR DEOS! » —

E esta resposta soou aos nossos ouvidos como a melodia de hum côro de anjos; e tao deliciosamente banhou a nossa alma, como o orvalho que nas madrugadas mitiga a sede de tenras plantas.

E logo nos entregámos á meditação e dissemos — Os raciocinios da misanthropia e do orgulhoso saber humano apenas podem produzir hum estado de duvida, mas o coração faz pender a balança para o lado da crença.

A magestosa belleza dos céos, o assombroso espectaculo de milhoes de mundos, girando harmonicos pelas vastidões do espaço: o mar cuja perspectiva sublime é a imagem da eternidade — o mar solidão immensa que dá huma idea do infinito: os prados e as collinas, as planicies e as montanhas cobertas de rica, formosa vegetação, offerecendo á

vista encantadores painéis, e á vida todos os recursos da subsistencia: a admiravel estrutura physica do homem, o dom da palavra, e o entendimento que o ennobreceem: tudo, tudo está bradando: — GLORIA AO SENHOR, AO SENHOR DEOS! —

Que l seriao obra do acaso tantas maravilhas? Essa ordem, essa regularidade, esse cunho de grandioso, e de bello, que se admira em todo o universo, poderiam ser entidades fortuitas?

Homens inconsequentes! Vós vedes hum artefacto de engenboso maquinismo, e sem detença perguntaes quem foi o seu autor; e quando vossos olhos, vosso coração, vossa alma estão a toda a hora enlevados, arrebatados pela formusura do universo, podeis demorar o grito: — Gloria ao creador dos céos e da terra?! —

Nasee o homem, arremessa-se impetuoso e eggo á liça da vida; tudo se lhe affigura risonho tudo delicias, e no cabo de afansas lidas só recolhe tristes desenganos.

A existencia que — inexperto — devancara hum theatro de gloria hum thesouro de prazeres sem fim tornou-se para a infeliz creatura huma peregrinação enfadonha, amarga, insupportavel.

Cuidou que encontraria amigos fieis — e a cada passo o cercão traidores.

Derramou beneficios, enxugou lagrimas, deu consolações — e a ingratição lhe cuspiu nas faces.

Indisputavel merecimento o elevou ás honras — e a inveja o derribou do seu posto.

Arrojou-se aos mares em busca de riquezas — e por vezes luctou com o furor das vagas, por vezes vio a turva e medonha face da borrasca, por vezes vio despedaçar-se o fragil lenho nos parceis de perigosa, inimiga, ou deserta costa.

Nessas luctas de exterminio, de sangue, de horror, a que o mundo chama guerra, tambem o incauto quiz hum reflexo da aureola que cerca o heroe victorioso — e colhendo ephemerous louros, que marcharao logo só ouviu gemidos de moribundos.

Amava os pais, idolatrava a esposa, adorava os filhinhos — e a sepultura lhos tragou todos na profundeza de sua voragem.

A miseria e a fome vierao surprende-lo no meio do fausto e da abundancia.

As doenças o empolgãrão desapiedadas quando mais robusto se cria, e ei-lo ahi jaz num leito de dor, prostrado de forças, ja sem alento nos transes da agonia!

Oh! seria hum nunca acabar e mais do que isso, seria hum martyrio traçar hum quadro completo dos males que atormentão as gerações humanas no curto volver do tumultuoso sonho da vida.

Dize pois, ó homem que te comprazes em destruir a salutar creença de hum Deus de sabedoria, de hondade, de misericordia, dize ó homem de coração duro, que te abalanças a separar do céo a terra em que demoras — o que seria esta morada do soffrimento, se admittidas fossem tuas funestas hypotheses?

Huma prisão lugubre d'onde fugio a esperança.

Hum carcere horrivel , co ntra as muralhas do qual o prisioneiro esmigalha a cabeça.

Hum deserto tristissimo safaro , e adusto onde o viajante arqueja e morre devorado pela sedé , dardejado por ardentes raios de sol que abraza

Hum inferno onde só os demonios ririão.

E ainda mais longe foi a no-sa meditação.

Mas nao deveuos por agora cançar a attenção de quem ler estas mal traçadas linhas -- se ha alguem que a tal incommodo se sujeite.

#### IDENTIDADE DE ESPECIE NAS DIFFERENTES RAÇAS HUMANAS.

Quando examinamos a variedade infinita dos seres organicos , que povoão a superficie do globo expectaculo algum nos causa maior impressao do que as distincções que caracterisao as diferentes raças do genero humano desde a cor de ébano dos habitantes da Zona torrida , até á bella compleição viva e rubra cor dos povos da Suecia ; differença ja existente desde os tempos os mais remotos da historia ; por que observamos nas sagradas letras descrever-se o Africano tao negro como presentemente o é ; e nas pinturas Egypticas as mais antigas , acha-se confirmada esta verdade. Entretanto quando se comparão as principaes circumstancias da economia animal , ou do character physico das diversas tribus de todos os homens , parece que as diferentes raças são de identica especie. Repetidas vezes se tem procurado reduzir as diversas tribus a huma origem commum , comparando-se as numerosas linguas que tem existido , ou que ainda hoje existem. Algumas destas linguas , posto que offereção huma analogia notavel nas leis da sua grammatica , com tudo , bem poucos , ou nenhuns vocabulos apresentam que lhes sejam communs. Os dialectos fallados pelas nações aborigens da America exemplificão o que affirmamos ; e a perfeição que se encontra na construcção grammatical das linguas dos selvagens Americanos indús a creer que originariamente foraõ estas linguas falladas por huma raça de homens mais civilizados. Alguns idiomas que tem pouca ou nenhuma similhaça na sua estrutura , tem comtudo as maiores relações de conformidade nos seus vocabularios ; taes sao os dialectos Syriacos. Em summa pode-se concluir que os povos , cujas linguas offerecem as relações , que acabamos de expor , descendem todos do mesmo tronco ; mas a probabilidade de huma origem commum é muito maior entre as nações Indo-Europeas , cujos idiomas , taes como o Sanscrit , Grego Latim , Alemão , &c. tem huma analogia , bem distincta tanto na estrutura como nas palavras. Muitas linguas ha em que se não pode descobrir a menor similhaça ; mas tambem é possivel que a diuturnidade do tempo tenha destruido os vestigios da sua identidade primitiva.

**FOLHETIM.**

**A FEIJOADA.**

Nos dias de entrudo deste anno, ● Sr. Aubertin, rico ex-banqueiro, estava junto á lareira com o Sr. de Marans seu contemporaneo e amigo. Era pouco mais ou menos meia noite. O Sr Carlos Aubertin seu filho e as senhoras da familia, tinham desaparecido. Fallára-se á noite em bailes, e suppunha-se que se apromptavão para ir passar huma hora no baile da Opera. Em breve tornou-se intima a conversação entre os dous velhos.

— Meu caro Aubertin, disse o Sr. de Marans, muito me admira a sua teima em oppôr-se ao casamento de seu filho com a Sra. de Morris; é huma moça perfeita, bastante rica, e de huma familia muito honrada.... Amão-se, e....

— Não sou eu, meu amigo, que me opponho a esse casamento; porem a Sra. Aubertin, minha mulher.

— Sei-o; mas que razões tem para isso?

— Ah! ah! disse o marido, razões, razões!... Bem sabe que ella não as dá.

— Escuta, Aubertin; Vm. é homem razoavel e judicioso, sempre o foi; nunca lhe conheci se não hum unico defeito, que muitas vezes, na verdade, obscureceu as suas boas qualidades, mas que, na idade em que estamos, deve ter-se esvaecido— o ciuismo

— Oh! ciuismo, já não o sou... Bem vê que minha mulher vai partir para o baile da Opera sem que eu tenha tentações de a acompanhar,

— Não me admira, ella tem 50 annos! Portanto já não o julgo ciu-

mento; de boamente reconheço que já não cahe nesse ridiculo; quero unicamente lembrar-lhe que nelle incorreu durante vinte annos pelo menos, e que este longo ciuismo provou o seu amor.

— Sim, tive muito amor a minha mulher.

— Esse amor, tornou o Sr. de Marans que bem longe estou de censurar, deu occasiao a que a Sra. Aubertin tomasse muito ascendente sobre Vm., ascendente de que agora abusa.

— Então julga-me Vm muito fraco? exclamou o Sr. Aubertin.

— Tao fraco respondeu-lhe o amigo. que nem sequer sabe o motivo por que sua mulher não quer annuir a esse casamento.

— Quem lh'o disse?

— O senhor mesmo; porem já que o sabe diga-o, e por pouco que seja razoavel....

— É muito razoavel.

— Vejamos.

— Já sei que se ha de rir: contudo comprehenderá que ella faz o que deve, e que, quanto a mim, nada tenho que dizer.

— Explique-se per favor.... Qual é o motivo dessa recusa que nada parece justificar?

— Huma FEIJOADA.

O Sr. de Marans recuou a cadeira, encarou attentamente o seu amigo, e pareceu procurar nos olhos deste o signal da alienação mental. O olhar, porém, do Sr. Aubertin era tranquillo e sereno, ainda que hum tanto abatido.

— Huma feijoada! disse o Sr. de Marans no maior auge de admiração.

— Sim, huma feijoada.

— Ora, disse o Sr. de Marans, fallamos serio, ou está mangando?

— De modo algum. Bem sabe que é o meu prato favorito, e que não sómente offende o paladar de minha mulher, como tambem lhe é danoso ao estomago; apenas consente em ve-lo sobre a mesa, e ser-lhe-hia mais facil morrer á fome do que comer delle.

— Sei disso; mas não vejo que relação....

— Cumpria que lhe lembrasse esta circumstancia antes de narrar-lhe, como vou fazê-lo, o que se passou em minha casa ha perto de vinte e dous annos.

— No tempo em que era ciumento?

— Justamente. Minha mulher tinha entao 28 annos, e eu ainda era biqueiro. Eramos visitados por muita gente, e pelo Sr. de Mæris amuadadamente....

— O pai da moça que seu filho quer desposar?

— Elle mesmo. Se Vm. o conheceu naquelle tempo ha-de estar lembrado que era hum lindo cavalheiro, amavel, espirituoso, e cujas assiduidades podião muito bem excitar o ciume.... e assim me succedeu.

— Nem podia deixar de succeder-lhe meu amigo disse o Sr. de Marans: com seu genio não podia deixar de assim ser.... Aposto que esse ciuque não tinha fundamento algum razoavel, e que Vm. tomou como realidades os fantasmas do seu espirito inferno.

— Havia de perder, meu caro, tornou o Sr. Aubertin, se fizesse semelhante aposta.

— Desalio-o a que m'o prove!

— Nada ha mais facil.

O Sr. Aubertin levantou se, foi bater com as costas da mão na parede da sala, e deu a perceber que estava ouca.

— Sabe, disse elle, que houve em Syracusa hum certo Dionysio que servio-se de hum meio semelhante para saber os segredos de seus amigos; hum rei de Inglaterra o imitou, e chamava-se esse escondrijo *as orelhas do rei*. Pois fiz como estas duas personagens: tive tambem *as minhas orelhas*.

— Na verdade?

— Mandeí outr'ora, nos primeiros tempos do meu casamento, fazer alli hum pequeno quarto de que ninguem suspeita a existencia, e donde ouço tudo quanto se diz nesta sala. Para elle entrava por huma porta habilmente disfarçada, e quando me acreditavão longe, eu estava alli.

— Que falta de delicadeza! Aubertin; nunca eu o julgára capaz..

— Tem razão; já não procuro justificar-me.... Lembre-se unicamente que eu tinha huma linda mulher, que era ciumento, e que lhe estou contando a historia da feijcada. De mais, juro-lhe que ha mais de dez annos não ponho os pés nesse escondrijo; confesso-lhe mesmo que reparei ha poucos dias que tinha perdido a chave, não sei desde quando.

Podia pois espiar á minha vontade os progressos do amor do Sr. de Mæris, e os meios que empregava para seduzir minha mulher. Ouvia diariamente o amante tornar-se mais apaixonado, e a mulher amada oppôr-lhe primeiro o seu amor por mim, depois os seus deveres,

sua ternura por seu filho, o mesmo que se trata hoje de casar com a filha do seductor. A Sra. Aubertin fallava da sua reputação que hum erro faria desaparecer. dos pezares, da agitação, dos remorsos que acompanhão hum commercio adultero e clandestino. O Sr. de Mœris fazia valer hum amor que havia de ser eterno; offercia a sua fortuna, e até a vida; queria roubar minha mulher, leva-la ao fim do mundo, e jurava que a amaria, quando cheia de cabellos brancos, com tanto excesso quanto amava a na actualidade. Finalmente, hum dia o seu amor não conheceu limites. Prorompeu em queixas por não ser amado, e a Sra. Aubertin lhe disse com voz entrecortada de soluços que lhe não daria a conhecer os segredos do seu coração mas que talvez elle não tivesse razão de queixar-se, e não fosse o unico desgraçado; em huma palavra, deu-lhe a entender que eu era o unico obstaculo á sua felicidade, e que, huma vez eu de menos neste mundo, julgar-se-hia feliz em poder recompensar tanto amor e dedicação.

— Deveras! exclamou o Sr. de Marans.

— Assim pelo menos o entendeu o Sr. de Mœris, continuou o Sr. Aubertin. Então exclamou elle que eu fóra creado para torna-lo o mais desgraçado de todos os homens; disse que, a não ser eu, passaria vida feliz, e, ainda que provavelmente não se atrevesse a confessar todo o odio que me tinha, nem a exprimir precisamente o caritativo desejo de ver minha mulher trajar hum luto salutar, disse bastante para que a Sra. Aubertin o

atalhasse, fazendo-lhe observar que eu era seu marido, e que havia palavras e desejos que não podia ouvir. Separáram-se tristemente, e eu sahi do meu escondrijo.... O que cumpria fazer? O meu rival era amado ou pelo menos estava a ponto de sê-lo. Nunca homem ciumento se achou em posição tão triste como a minha; sciente de tudo, a maneira por que tinha sorprendido este segredo obstava a que eu fallasse. Eu praguejava o meu estratagemas. Queria atirar a minha chave ao rio; mas, ah! conhecia muito bem o meu genio para ter certeza de que no outro dia havia de mandar fazer outra. Queria bater-me com o Sr. de Mœris; depois repellia esta idéa e receiando que minha mulher viesse finalmente a ceder - determinei sair de Paris, fugir com ella, e rouba-la ao Sr. de Mœris antes que elle m'a rouhasse. Passei o resto daquelle dia e a noite seguinte em hum estado deploravel; formei mil projectos sem poder adoptar algum... finalmente, com semblante tranquillo em apparencia, e sorriso forçado nos labios, fui ter com minha mulher.

— E não lhe disse....

— Nem palavra. Vai ouvir o que aconteceu. Veio hum criado bater á porta....

Quem é? o que quer de mim? perguntei.

— É o seu cozinheiro que deseja fallar-lhe, disse o criado.

— O meu cozinheiro! Que pôde elle querer? Não sou eu quem lhe toma as contas....

— Talvez tenha algum favor que pedir-lhe, disse-me minha mulher; passe para o seu aposento e receba-o.

— Não tenho segredos para a senhora, respondi eu á Sra. Aubertin sobretudo com meus criados; demais, se o cozinheiro tem algum favor que nos pedir, preferirá provavelmente devê-lo antes á senhora do que a mim... Mande entrar.

O cozinheiro entrou pallido, abatido, e com esse ar mysterioso que é indicio de huma catastrophe imminente.

— O que é que aconteceu, Rigaud? disse minha mulher assustada á vista daquelle semblante desordenado.

— Ah! senhora, respondeu Rigaud com o barrete na mão, se soubesse...

— Falle, Rigaud

Rigaud recebêra huma carta anonyma, dentro da qual achára huma nota de 1,000 francos e a promessa de outra nota de igual valor, se consentisse em deitar na feijoada, comida que para mim só se preparava, o conteúdo do huma garrafinha que acompanhava a carta. Asseguravão-lhe que isso não podia deixar de tornar a feijoada mais gostosa, e não lhe trazia comprometimento algum. O honrado cozinheiro deu-me essa carta e tirou d'algieira a garrafinha de que fallava; comprehendêra que não lhe pedião cousa innocente, huma vez que lh'a pedião com mysterio e lh'a pagavão tão bem. Tomei a garrafinha, examinei o conteúdo, e vertendo algumas gotas sobre hum pouco de assucar, dei-o a comer a huma cadellinha que minha mulher estimava muito, e que gania ao pé de mim. Mal tinha o pobre animal tocado esse manjar envenenado, entesárao-se-lhe as pernas, turvárao-se-lhe os olhos, e cahio morto.

«O' céo! era veneno!» exclamou minha mulher; e precipitando-se nos meus braços, inundou-me o rosto de lagrimas.

O cozinheiro, immovel de temor, rogava-me que o acompanhasse á casa do juiz de paz, para alli fazer sua declaração; eu, sereno e a sangue frio, louvei a fidelidade de Rigaud, confessei que lhe devia a vida e dando-lhe huma nota de 1,000 francos para supprir a que se lhe promettêra, recommendei-lhe que cuidasse bem da minha feijoada, da qual contava comer com mais gosto do que de costume deixando-o livre de ir á casa de qualquer magistrado fazer toda a deposição que quizesse.

Logo que estive a sós com minha mulher, chorou, soluçou e cumulou-me de provas de affeição e de amor. das quaes de ha muito ignorava a doçura. Disse-lhe simplesmente que parecia que eu tinha hum inimigo mortal; mas que, rodeado de huma mulher que me amava e de criados fieis, nada tinha que temer; e despedi-me della, querendo deixa-la entregue ás suas reflexões.

Outro qualquer em meu lugar teria tido a curiosidade de assistir á primeira visita que o Sr. de Moris fizesse a minha mulher. Quanto a mim, conhecia tanto a Sra. Aubertin, tinha visto tão claramente todo o horror que lhe inspirára o crime que se quiz commetter, que estava certo que essa entrevista não teria lugar. Com effeito, a Sra. Aubertin, assustada de huma paixão cuja violencia não recuava ante hum cobarde envenenamento, mandou que se dissesse ao Sr. de Moris que



de então em diante não seria mais recebido em sua casa. Este, escandalisado por hum tal procedimento, deixou-se de hum amor tao mel recompensado e em breve casou-se

— Ab! exclamou o Sr. de Marans, acaba de contar-me huma historia odiosa. Esse Sr. de Mæris causa horror! já não me admira que a Sra. Aubertin não se quera alliar com hum homem que pôde mediar semelhante crime! O que me surprende é que Vm. não compartilhe a sua aversão e desprezo para com o Sr. de Mæris.

— Para com o Sr. de Mæris! replicou o Sr. Aubertin. Pois que! acredita que elle me quizesse envenenar?

— Então quem foi?

— Ora quem! Eu mesmo.

— Como assim?

— Sim, fui eu que escrevi huma carta anonima ao cozinheiro, e mandei o veneno.

— Vm., Sr. Aubertin?

— Não ha duvida: eu era ciumento e de tudo sabia; o Sr. de Mæris, considerando-me o unico obstaculo á sua felicidade, desejando a minha morte, suggerio-me huma idea que puz em execução, e que me livrou de hum rival perigoso. A cada filha de minha mulher foi victima dessalida, e gastei 2,000 francos; mas julgo que a sim não paguei abito caro a tranquillidade que tinha perdido.

— Porém, infeliz, calunhiou hum homem honrado!

— Eu! por ventura disse eu huma palavra? acaso abriu-se a minha bocca para accusa-lo?

— Bem sabia que sua mulher accusaria o Sr. de Mæris, e conside-

ra-lo hia como hum envenenador.

— É verdade e para eu que a esse fim é que fiz o que fiz; porém que noticia mais agradavel do que a da minha morte ter-se hia podido annunciar ao Sr. de Mæris? Não a tinha elle desejado abertamente? e minha mulher não fôra obrigada a atalla-lo no meio dos seus desejos homicidas?

— É verdade, respondeu o Sr. de Marans; mas acredita que elle fosse capaz de praticar essa accão de cobarde, e que por estar enamorado, não hesita-se em tornar-se envenenador? Não sabia que elle era homem honrado?

— Sem duvida.

— Então porque fez recalir sobre elle o odioso de hum tal crime?

— Porque eu era ciumento e por que esta paixão, tao viva como o mesmo amor he cega como elle. Hoje, que vinte annos se tem passado depois dessa aventura e que não vejo com os mesmos olhos que então tinha envenenado-me o meu proceder, accuso-me como o faz vme; mas não ha muito que assim pensei: em quanto fui ciumento, aprovei o meu stratagemas; hoje cahio o véo; com tudo concordará comigo que não posso confessar a verdade a minha mulher, nem censura-la por não consentir no casamento de que se trata...

— E seu filho será desgraçado, a sra. de Mæris não de-posará aquelle que ama, disse o sr. de Marans por isso que vme. calunhiou ha vinte annos ao sr. de Mæris!

— Porém confesse meu amigo, respondeu o sr. Aubertin, que essa alumnia pois que calumnia é, é de todas a mais innocente; K-

mitou-se a huma unica pessoa , e obston a que eu fosse

— Qual ! conheço a sra. Aubertin; viu. nao o teria sido.

Neste momento abrio-se a porta da sala, e a sra. Aubertin entrou.

— Vinc. aqui , sra. ! lhe disse o marido olhando para o relógio que marcava huma hora da noite ; eu a julgava no baile da opera !

— Não Sr., respondeo ella; roguei a meu filho que acompanhasse as senhoras que passarão a noite aqui e puz-me a reflectir no casamento que se nos propõe. Mudei de parecer sr. ; ja não me opponho a essa união ; dou-lhe o meu consentimento.

— Deveras ?

— Sim sr., continuou a sra. Aubertin . . . A proposito eis aqui huma chavinha que achei por acaso ha dias ; não é sua ?

O Sr. Aubertin tomou a chave , olhou para ella furtivamente e corando mettu-a na algibeira.

— Meu amigo disse o Sr. de Marans , as orelhas de Dionysio de Syracuse e de Jacques de Inglaterra acabão de servir contra Vin.

O marido abaixou a cabeça : estava descoberto o seu segredo , e tinha cahido depois de vinte annos no laço que elle mesmo tinha armado.

Quinze dias depois, o filho do Sr. Aubertin desposou a filha do Sr. de Mæris.

#### A MULHER BONITA.

Pedião a Fontenelle a definição de huma mulher bonita: “ Huma mulher bonita, respondeo elle , é o paraizo dos olhos, o inferno da alma , e o purgatorio da bolsa.

## RECEITAS UTEIS.

### PURIFICAÇÃO DO AZEITE RANÇOSO.

Acaba-se de encher as garrafas ou vaso em que está o azeite, com duas polegadas da melhor aguardente e rolha-se bem.

### CONTRA O BOLOR.

O oleo de terebentina é o mais util preservativo para impedir o bolor tão destructivo do couro , da colla , do grão, e dos livros. Algumas gotas bastão para preservar os livros de huma bibliotheca. Algumas gotas de oleo de alfazema ou de cravo deitado na tinta d'escrever, empedem a formação do bolor.

### Pennas de aço.

Se alguém usar de pennas de aço, e quizer conserva-las sempre em bom estado, use do methodo seguinte: lance em hum pequeno vaso hum pouco do mais fino chumbo de caça, e por cima humia pouca d'agoa; e quando tiver acabado de escrever, deixe ficar o bico da penna dentro deste liquido, até que lhe seja preciso servir-se della de novo. Por este modo ficará a penna preservada da ferrugem, que lhe estraga os bicos tão depressa, e se poderão tirar com muita facilidade os corpos estranhos que se introduzem por entre elles.

### Conservação da carne fresca.

Para conservar a carne fresca, ainda durante os grandes calores, por-se-ha de mollio em leite coalhado, tapando bem o vaso. Não só se conserva fresca, mas torna-se mais tenra e saborosa.

*O trabalho, ou 5,000 cruzados de renda*

Quando eu tinha dezoito annos (ha que tempos isto vai!), costumava no verão ir passar os domingos em Versailles, onde minha mãe estava residindo. Para fazer o caminho, sahia pelas barreiras de Paris, e ia na estrada esperar as segas que andavam nesta carreira. Ao passar as portas encontrava sempre hum pobre, alto, que gritava com voz esgançada: — *Hum esmola pelo divino amor de Deos*: — O meu vintem ia-se-me sempre aqui.

Certo dia em que eu pagava o meu tributo a Antonio [que assim se chamava o pobre], acconteco passar por pé hum sujeito baixo, magro esperto, e de cabello polvilhado, a quem Antonio dirigio o seu esgançado memento: — *Quem me dá hum esmola pelo divino amor de Deos!*

O sujeito parou, e depois de ter os olhos cravados no pobre por algum tempo, lhe disse: — Parece-me que vim. pôde trabalhar. e que não é lerdo; e dado o caso que seja o que me parece, por que anda exercendo tão vil officio? Quero tirá-lo desta tristissima situação e dar-lhe cinco mil cruzados de renda. — Poz-se o pobre a rir, e eu tambem, — Ria quanto quizer proseguiu o velho dos polvilhos mas siga o conselho que lhe vou dar e terá o que lhe prometto. Tem exemplo em mim. Aqui estou eu, que tambem fui pobre; mas em vez de mendigar, fiz de hum cesto usado hum espezie de canastra, com que ia pelas aldêas, e cidades da provincia, pedindo, não esmolos, mas trapos velhos, que me davão de graça, e que eu vendia depois, por bom dinheiro, aos fabrican-

tes de papel. Passado hum anno deixei-me de pedir os trapos e comprava-os, tendo alem disso, já hum jumento e hum carrinho para andar no meu limitado trafico.

Obra de cinco annos depois tinha de meu quinze mil crusados, e casei com a filha de hum fabricante de papel, que me fez seu socio. Tinha a fabrica pouca freguezia; mas como eu era ainda moço e activo, fui trabalhando e pou-pando. Hoje possuo duas propriedades de casas em Paris, e tras-passei a fabrica a meu filho a quem inspirei desde criança o amor do trabalho, e a perseverança nelle. Agora meu amigo, faça como eu fiz, e enriquecerá como eu enriqueci.

Dito isto, o velho se foi embora deixando Antonio a seismar, por tal modo que duas senhoras passarão por elle sem ouvirem a chiadeira esgançada do mendigo — *Ora de-me hum esmola pelo divino amor de Deos!*

Passarão annos, e estando eu em Bruxellas em 1815 entrei hum dia na loja de hum Livreiro para comprar certos livros.

Hum sujeito alto e gordo passava no armazem dando as suas ordens a cinco ou seis caixeiros. Olhámos hum para o outro, como que entre-lembrando-nos de nos termos visto algures.

O Sr., disse-me por fim o livreiro, não hia todos os domingos a Versailles, haverá vinte cinco annos? — Pois que historia é esta, exclamei eu: o senhor é aquelle pobre chamado Antonio? — Sem tirar nem pôr, tornou elle: eis-me aqui. O velho dos polvilhos tinha razão, deo-me com effeito cinco mil cruzados de renda

## COMPRIMENTOS DE DIVERSOS POVOS.

Os Insulares visinhos das Ilhas Filipinas levantão o pé ou mão d'aquelle a quem obzequeião e passão-no d'ifférentes vezes pela cara.

Os Laponios carregão fortemente com o nariz sobre o d'aquelle a quem pretendem saudar.

Em a Nova Guiné poem-se fobias sobre a cabeça daquelle a quem se comprimenta.

No estreito do Sund, o que dirige o comprimento levanta o pé esquerdo á pessoa comprimentada e põdo-o com delicadeza sobre a sua perna direita o eleva depois junto á cara.

Os habitantes das Ilhas Filipinas curvaõ-se quanto podem, e com as mãos sobre as faces dobraõ o joelho, levantando o pé para o ar.

Os Ethioes pegão nas roupas daquelle a quem saudaõ e enrolão-se nellas até deixarem o seu amigo quasi nu.

Os Janonezes para se cortejarem em qualquer rua, tirão huma das chinellas e os habitantes d'Astracan humo das sandallias; põem estando em casa tanto huns como outros, se descalção então inteiramente.

Dous Reis negros da costa d'Africa comprimentão se apertando tres vezes mutuamente o dedo medio.

Os habitantes da Carmenja, em testemunho de huma affeição particular, rasgão huma de suas veias, e offerecem aos seus amigos o sangue que d'ellas sahe, em forma de heberagem.

Os Chinas quando se encontrão depois de huma longa separação,

lanção-se de joelhos, inclinão o rosto duas ou tres vezes para o chão e praticão muitos outros distinctivos de affeição: tambem ha entre elles huma especie de ritual ou formulario de cumprimentos, pelos quaes se regula o numero de reverencias, genuflexões, e palavras que devem ter lugar nestas occasoes.

Os embaixadores repetem esta cerimonia quarenta dias antes de serem introduzidos na corte.

Os Otahitios batem com os narizes hum contra o outro.

Nas províncias meridionaes da China, saudaõ-se com estas palavras: y a fan?—Comestes já o vosso arroz?

Os Hollandezes a quem todos o-lhao como grandes comedores, tem hum comprimento proprio da magnaa e que he commum a todas as classes: *Smaakelykceeten*?—tendes bom jantar?—Tambem perguntão: *Hoe vaart awe*?—como vogaes?—Esta última formula provem sem duvida dos primeiros tempos da Republica quando elles todos, eraõ navegantes ou pescadores.

No Cairo pergunta-se: Como estais de suor? porque se reputa a pelle secca como indicio de huma febre mortal.

---

*Pensamento de La Bruyère.*

E' a Corte hum terreno, que fem altos e baixos; todos procurão subirlle; mas para se elevarem ha apenas hum caminho tão estreito, que hum cortezaõ não pôde desembaraçar-se sem lançar por terra a pessoa que encontra, e em favor da qual ninguem se interessa a dar a mão.

## A CONTRADANSA DOS MORTOS.

Erão duas horas da madrugada quando certo musico de Lyão se recolhia mui embriagado, de hum grande baile que assistira n'hum casa de campo daquelles contornos; e como pela abundancia dos flores lhe pezasse a cabeça mais do que o corpo, vinha por todo o caminho a grandes bordos, figurando mais de hum objecto em cada corpo, e dando a todos huma grandeza enervae. Ora, como pela impressão do ar se augmentasse ainda mais a sua grande embriaguez, não dava o bom do homem hum só passo sem que tropeçasse, e isto acompanhado sempre de hum sollejo, em que se esganava por berrar a bom berrar. Eis se não quando, ao voltar hum esquina, sahem-lhe os ladões, e pedem-lhe a bolsa ou a vida; porem como elle lhes não offerecesse a mais le.e resistencia, contentarão-se, sem o maltratarem, em deixa-lo nú no meio da rua. A embriaguez o cansasso, e a diffioulidade de reinar-se, induzirão-no a tomar alli algum repouso, e em pouco se entregou ao mais profundo somno.

Não havia bem decorrido hum hora quando passa por aquelle sitio a carroça do hospital de Lyão carregada de mortos que se conduzião ao cemiterio da — *Madeleine*. — e ao approssimarse do nosso dormente, parão os cavallos; e a pezar do boheiro os ter ja deixado descaçar a porta de quantas talemas encontrára, elles com tudo não davão nem hum só passo, por mais que para isso os fustigassem: encolerisado á vista disto o bom do boheiro, e de ver o pouco respeito, que lhe tinham as bestas, jura por tudo quanto ha de as fazer andar, ou de as descaçar á força de bordoadas; porem brevemente vê baldadas todas as suas diligencias, porque os cavallos então pegão-se devéras, e a poucos passos apresentam-lhe com a carroça em ter-

ra; ficando assim obrigado o conductor a aquietar-se, e a dar-lhes tempo de tomarem fôlego, em quanto elle reuma os corpos mortos.

Ora, como o do musico estava nú, e aquelles fardos se recebião sem conta nem medida, foi por isso d'envelta com os outros, lançado na carroça, continuando-se depois esta grande jornada sem obstaculo

Abalada porem com os salatareos do carro a esquentada fantazia deste celebre heberrão, começa a sonhar e recordando-se neste souho dos divertimentos do baile em que tinha bebido tanto, poem-se a fazer saudes, e a maicar as figuras de huma contradança, gritando em altas vozes, e isto com aquella variação de tons proveniente da maior ou menor agitação em que se achava; de sorte que o cocheito ouvio mui distinctamente que ppr traz delle se dizia: — *En avant deux ! — la chaine des dame ! — balancez !* etc., como se naquella occasião prinopiasse a contradança dos mortos.

Estes elamores, que parecião sahir de muitas bocas, espantarão de tal forma o pobre conductor, que á entrada do cemiterio abandona a carroça, e sem que lhe pezasse o pé hum onça, bota a correr dizendo em altos gritos ao cocheiro: — *Enterrai-os de pressa, porque elles todos fallão tanto, que me parece não tardará muito que venhão sobre nós* — Admirado o cocheiro deste alarido, examina cuidadosamente os cadaveres hum por hum e por fortuna do nosso musico, este habil enterra-gente, que nao cria em almas do outro mundo, achando o odre de nova forma ainda quente, deita-o na sua cama e dando-lhe tempo para coser tão estrepitosa bebedeira, emprestou-lhe no dia seguinte o seu fato para poder voltar á cidade.

## O CONJUGADOR HOLLANDEZ.

Dois portuguezes, entrando em hum botequim em Pariz observáram hum sujeito de estatura alta e de figura exquisita, que não parecia ser natural de França encostado a huma das mesas e olhando a redor da sala com petrificante seriedade. Apenas os portuguezes se haviam assentado, quando hum delles disse ao outro, que hum celebre anão acabava de chegar a Pariz. Nisto o tal homem serio abriu a boca, e disse: — *Eu chego. tu chegas, elle chega nós chegamos vós chegais, elles chegam.*— O portuguez, cuja observação parecia haver suggerido esta falla misteriosa aveziou-se do estrangeiro, e perguntou-lhe se fallava com elle. *Eu fallo* ( respondeo o outro ) *tu fallas elle falla. nós fallamos. vós fallais elles fallão.* Como, disse o portuguez, quereis insultar-me? O outro placidamente respondeo: — *Eu insulto, tu insultas, elle insulta, nós insultamos, vós insultais, elles insultão.* Ora com effeito, isto é de mais, disse o portuguez; deveis dar-me satisfação desta affronta e se fordes tão valeroso como sois malcriado vinde comigo. A este desafio o imperturbavel estrangeiro respondeo: *Eu vou, tu vais, elle vai, nós vamos, vós ides, elles vão.* E levantou-se com todo o sangue frio, seguindo o seu desafiador.

Naquelle tempo, em que todas as pessoas de gravata lavada traziam espadins á cinta os duéllós decidiam-se em poucos minutos. Forão a huma travessa pouco frequenta da e o portuguez, desembainhando o espadim, disse ao seu antago-

nista: Agora, sr., deveis bater-vos comigo,, *Eu me bato* ( replicou o outro ) *tu te bates elle se bate, nós nos batemos* ( aqui elle avançou-se sobre o adversario ) *vós vos bateis, elles se batem.* E apenas acabou de proferir estas ultimas palavras desarmou o portuguez. Bem, disse este; haveis vencido e espero que estejais satisfeito. *Eu estou satisfeito,* ( respondeo o esturdiado ) *tu estais satisfeito* ( aqui voltou o espadim á bainha ) *elle está satisfeito, nós estamos satisfeitos, vós estais satisfeitos elles estão satisfeitos.* E timo bem que estejais satisfeito, disse o portuguez; porem sr. é tempo de acabar com essa mangação, e rogo-vos que me expliqueis o motivo de semelhante procedimento original. Pela primeira vez o estrangeiro solemne fez-se intelligivel dizendo: Eu sou Hollandez; estou aprendendo a vossa lingua acho muita difficuldade em lembrar-me das pessoas dos verbos, e meu mestre me ha aconselhado, affim de fixa-las em minha memoria de ir conjugando todos os verbos portuguezes que ouça pronunciar. Hei adoptado esta regra e nao gosto que me transtorneu o meu plano em quanto está em operação: é por isso que não vos dei mais cedo a explicação que agora me pedistes.

Os portuguezes riam-se a faltar da extravagancia do Hollandez, e convidáram-no a jantar com elles. *Eu jantarei,* ( disse elle ) *tu jantará, elle jantará, nós jantaremos, vós jantareis elles jantarão;* o que por consequencia fizeram; e foi difficil determinar se o Hollandez conjugára com mais perseverança do que comera.

## A° EUFROSINA.

POE-IA BRASILEIRA.

O CHUPA-MEL, MENSAGEIRO DE AMOR.

CANTICA.

Vai, passarinho,  
Se não te sigo,  
Cinco saudades  
Ficão co'migo

Vai ver aquella,  
Porquem suspiro,  
Porquem auzente  
D'amor deliro.

Pois que me prendem  
Mol' embarços,  
Q'ora me impedem  
Hir á seus braços,

Vai mensageiro,  
Em meu lugar,  
Tua ventura  
Fico a envejar.

Iá-iá, repara  
Q'essa avésinha  
He vivo emblema  
Da sorte minha.

Traja amarello  
Qual meu ouidado,  
Que tra-me quasi  
Desesperado.

A côr sinzenta  
Traja tambem,  
O desengano  
Mostrando bem.

A' custo roja  
Aurea cadeia  
Que o vôo impede  
Que os pé lhe peia.

A' teus altares  
D'ouro hum grillão  
Ata-me os braços,  
E o coração.

Como he em tudo  
Retrato meu!  
Suppoem que he elle  
Hum outro eu.

Vê . Se está prezo  
Tãobem estou,  
S'elle he captivo,  
Tãobem eu sou.

Mas quão diversos  
Nos fez' o fado!  
Tu me denegas  
O teu agrado.

Se te procuro  
Terno amorozo,  
Mostras me o rosto  
Tão desdenhozo!

Elle em teu seio  
Vai disfructar  
Gôso ineffavel  
Prazer sem par.

Pois que tal dita  
Terás de certo,  
Ouve hum conselho  
Q'ora te offerto.

Entre seus labios  
Mette o biquinho,  
E n'essas rosas,  
Meu passarinho,

Liba as doçuras  
Do Jatahy  
Bahano assucar  
E o Paraty.

Cumpre teu fado,  
O' chupa mel,  
Em quanto trago  
Da auzencia o fel.

N'um tal arroubo  
( Igual não ha )  
Entre carinhos  
Dize á Iá Iá,

Que o meu affecto  
Tão grande he,  
Estavel, firme,  
Como o Itambé. (1)

(Salomé.)

Serro-Janeiro de 1845.

(1) Montanha altissima do Serro.

## GLORIA E MISERIA.

*Homer* mendigou para viver. *Candide*, n'buena idade avançada, pedia esmola. O sabio allemão *Heine* vio-se redazido a sustentar se com batatas a maior parte da sua vida. *Dumarsais*, na sua velluice, foi obrigado a ser mestre de meninos. Sem *Voltaire*, teria *Marmontel* morrido de fome. *J. J. Rousseau*, para viver vio-se na necessidade, por muito tempo, de copiar muzica. *Gilbert* morreu no Hospital. *Colletet*, segundo refere *Boileau*, que tinha tanto como elle, esperava, para ter de que viver, pelo bom resultado de hum soneto, como qualquer dos nossos litteratos actuaes, pelo valor de huma peça theatral, de hum romance, ou de hum folheto. *Lebrun Pinlaro* foi pobre e perseguido. A fome, esse horrivel monstro, conduziu *Mafflatre* á sepultura, e *Miguel Cervantes* teve a mesma sorte.

## LOGOGRIPHO.

A minha primeira e quarta.  
 Não a dá a natureza:  
 E se os defeitos lhe encobre  
 Também lhe encobre a belleza.  
 Se pretendes a segunda.  
 Pôde-ta o Nilo mostrar:  
 Em Quilimane a terceira.  
 Has-de sem custo encontrar.

Meu todo ajunta.  
 Verás o effeito:  
 Porem a origem.  
 Está no peito  
 De quem o tem.  
 Acode a moça:  
 Vem da cozinha,  
 Corre a vizinha,  
 O tio a tia,  
 O pai a mãe.  
 Huma desfeita,  
 Huma pirraça,  
 Huma negaça,  
 Ou inda menos  
 O faz causar.  
 Oh! que barulho!  
 Que espalhafato:  
 Assola o cao,  
 Assanha o gato,  
 Tudo anda em pancas,  
 Cadeiras, bancas  
 Fervem pinotes,  
 E da menina  
 Os papelotes  
 Vão ao ar.  
 Mas logo abranda.  
 A trovoada;  
 E bem se mostra  
 Que não foi nada.

Decifração do logogrifho do 3.  
 n.º: — Rapoza.

O Recread. Mineiro — publica-se nos dias 1.º e 15 de todos os mezes.  
 A redacção desta folha occupará hum volume de 16 paginas em 4.º sendo alguns numeros acompanhados de nitidas estampas. O seu preço é de 6:000 rs. por anno, e 3:000 rs. por seis mezes nesta Cidade do Ouro-preto: e fóra della 7:000 rs. annuaes, e 3:500 rs. por semestre, pagos adiantados, por isso que nesta quantia se inclue o porte do Correio. Cada numero avulso custará 400 rs., e 1:200 rs. levando estampas; as quaes todavia não augmentarão o preço d'assignatura. Subscreve-se na Typographia imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, e em todas as casas d'agencia dos Correios da Provincia, podendo as pessoas de fóra, que desejarem subscrever, dirigir-se tambem por carta sobre semelhante objecto ao Director da Typographia mencionada.

Ouro-preto 1845. Typ. Imparcial de B. X. Pinto de Sousa Rua da Giló n.º 9.